

ÉPICA HERÓICA DO PERÍODO STAUFER E INÍCIO DO PERÍODO HABSBURGIANO

Álvaro Alfredo Bragança Júnior (UFRJ)

BIRKHAN, Helmut. *Geschichte der aldeutschen Literatur im Licht ausgewählter Texte*. Wien: Edition Praesens, 2004. 233 p. Volume 12, Parte VI: Épica heróica do período Stauffer e início do período habsburgiano.

Como produto de suas aulas ministradas durante o semestre de verão de 2004, Helmut Birkhan apresenta ao público leitor o sexto volume da série *História da antiga literatura alemã à luz de textos escolhidos*, um manual dividido em oito volumes que contém, de maneira sucinta, porém bem embasada lingüística, literária e historicamente as principais obras escritas e ou compiladas no espaço germanófono continental durante a Idade Média. Neste número, o autor preocupa-se em discutir a chamada épica heróica medieval em língua alemã, abordando alguns dos mais importantes e significativos textos da tradição das sagas e poesia heróica.

Chama-nos a atenção a alentada introdução ao tema, que contém um excelente quadro histórico a respeito da evolução dos estudos sobre o herói na literatura ocidental. Birkhan percorre, em linhas gerais, desde Cecil Maurice Bowra, que se ocupou do tema a partir das raízes homéricas até chegar a Joseph Cambell e sua obra *O herói de mil faces*. Logo a seguir, o autor expõe de forma concisa sua opinião ao distinguir entre “herói da realeza” e “rei herói”, *no que o primeiro tipo é representado por Siegfried, Aquiles, Rolando ou Cú-Chulainn e o último por Dietrich von Bern, Agamêmnon, Carlos ou Finn Mac Umaill*. (2004, p.10). Para ele, dois fatores são decisivos para a análise do caminho do herói, sendo o primeiro uma *oferta de identificação de uma vassalidade solícita ao serviço* e o segundo *a básica constelação trágica entre “vida curta gloriosa versus vida longa e relativamente tranqüila”*. (2004, p.11). Utilizando-se da definição de Bowra por nós traduzida,

A poesia heróica passa a existir **quando a atenção popular se concentra não nos poderes mágicos de um homem, mas sim em suas**

virtudes especificamente humanas, e, embora a concepção possa manter alguns resquícios de uma visão mais antiga ele é admirado porque satisfaz novos padrões que instalam um alto valor sobre qualquer um que ultrapasse outros homens em qualidades que todos possuem em certo grau. (*apud* BIRKHAN, 2004, p.11)

Certas características sobrenaturais, uma invulnerabilidade condicionada, a posse de objetos mágicos e o assim denominado *furor heroicus* também (con)formariam os atos e a personalidade heróica segundo Birkhan (2004, p.11-12). Para nós, porém, o grande ponto trazido pelo autor em suas palavras introdutórias prende-se à relação que estabelece ao estudar a saga heróica. Conforme suas palavras,

A saga heróica possui suas fontes nos assim chamados **acontecimentos “reais” ou históricos**, que de uma certa maneira foram percebidos e transmitidos [e] através da “remitização” somam-se elementos míticos às personagens históricas, ou seja, elas são ligadas por ações rituais ou de culto.

Nesse momento torna-se imperioso ressaltar a validade de estudos interdisciplinares, que têm como centro o mundo medieval, mais especificamente, o universo germanófono da Baixa Idade Média, onde a ciência Medievalística Germanística, aliada à Filologia Germânica, ocupam papel de destaque dentro da exegese textual.¹ O conhecimento das técnicas literárias, do labor estético enriquecem-se com as informações advindas dos documentos historiográficos, possibilitando ao estudioso uma visão mais ampla sobre o objeto pesquisado.

Como último tópico de destaque nas páginas iniciais de seu opúsculo, Birkhan discorre sobre a dificuldade de se fixar um conceito e limite definitivos entre saga heróica e épica heróica, acentuando, porém, como fato inconteste a derivação do romance daquelas duas formas literárias medievais.

Findos os prolegômenos, a obra apresenta uma divisão em ciclos temáticos, a saber:

¹ - Para um melhor detalhamento sobre o assunto cf. BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O estudo da literatura medieval em alemão no Brasil à luz da Medievalística Germanística – algumas palavras. In: TELLES, Célia Marques & SOUZA, Risonete Batista de. *V Encontro Internacional de estudos medievais – Anais*. Salvador: Quarteto, 2005. p. 258-268.

1. O ciclo de sagas sobre os Nibelungos
 - 1.1 *A canção dos Nibelungos* e “*A querela*”²
 - 1.2. A saga de Walther
2. O ciclo de sagas do Atlântico Norte sobre *Kudrun*
 - 2.1 *Kudrun*
 - 2.2 *Duque Horant*
3. A saga de Teodorico e a épica de Teodorico

Para a construção deste volume utilizou o catedrático vienense uma forma prática, simples, contudo acadêmica o bastante para facilitar a apreensão dos dados textuais. Seguindo uma proposta prope-
dêutica são apresentados ao leitor em quase todos os capítulos acima
elencados dados acerca da história da fixação por escrito do texto o-
ral, bem como seu conteúdo e, quando o caso, pano de fundo históri-
co e mítico.

Dentre todos os ciclos de sagas germânicas destaca-se, sem
dúvida, a história dos Nibelungos. Com labor de Crítica Textual,
Birkhan dedica noventa e quatro páginas de sua obra a Siegfried,
Hagen von Tronje, Kriemhilt e lista aqueles que são considerados
pela crítica como os mais completos manuscritos da Canção, a saber:

1. Manuscrito **Hohenems-München**, datado de fins do século
XIII e contendo 2316 estrofes; 2. Manuscrito de **St. Gallen**, datado
da metade do século XIII e contendo 2376 estrofes; 3. Manuscrito
Donauesching,³ datado da primeira metade do século XIII e contendo
2442 estrofes.

Após a análise filológica, o conteúdo é sumarizado e segue-se
uma discussão a respeito dos pontos encontrados na obra que tenham
respaldo histórico, i. e., até que ponto Átila, Teodorico, Gunther,
burgundos, dentre outros, personagens e tribo do século V d.C. coe-
xistiram e em caso afirmativo quais são os pontos de aproximação e

² -Die Klage, no original, que também pode se traduzir por lamentação, queixa, demanda. (N. do T.)

³ -Para uma mais completa listagem dos manuscritos e fragmentos da *Canção dos Nibelungos* cf. BIRKHAN: 2004, p. 20-26.

distanciamento entre a fonte literária e o discurso historiográfico. Nesse sentido, o catedrático vienense afirma que,

Já por volta de 1100 Frutolf von Michelsberg, que consultara não só os historiadores antigos como Jordanes como também as sagas heróicas em língua popular, aludia para o fato de que Átila e Teodorico (e também o velho rei godo Ermanarico) não podem ter sido contemporâneos, segundo informação dos historiadores, não podendo esclarecer, contudo, o paradoxo entre ambas as fontes, pois ele considerava seriamente a saga heróica como testemunho histórico. BIRKHAN: 2004, p.31

Com relação à *Canção* e à saga *Kudrun* ainda são arrolados exemplos tardios e mesmo modernos do trabalho literário e até mesmo operístico com esses temas. No caso do ciclo de histórias em torno de Teodorico, **Dietrich** no original, o autor dedica algumas páginas ao estudo da gênese da saga e da antiga religião germânica, pois segundo Birkhan *há vários detalhes nos quais transparecem na figura de Teodorico de Ravena as feições do deus do êxtase Wotan*. (2004, p.145).

Aspecto importante para facilitar a apreensão dos dados acadêmicos sobre as obras e momento histórico estudados é a preocupação do autor em apensar ao fim do volume uma série de reproduções e fotos de instrumentos musicais e de indumentária de atores, capas de fac-símiles e páginas de manuscritos das principais obras estudadas no volume, iluminuras, pedras rúnicas, roteiro de viagem mítica, partituras musicais e desenhos modernos. No trabalho com a Idade Média, para nós brasileiros distante e praticamente alheia ao nosso passado, é fundamental a disponibilização da maior quantidade possível de dados, a fim de tornar menos incompleto o painel do objeto que estudamos.

Na *História da antiga literatura em alemão à luz de textos escolhidos – parte VI: Épica heróica do período Staufer e no início do período habsburgiano* há a versão completa de todos os fragmentos textuais para o **Neuhochdeutsch**, moderno-alto-alemão, o que acreditamos ser de capital importância não apenas para o leitor germano-falante, porém principalmente para os discentes de língua portuguesa, interessados em acompanhar a evolução histórica do idioma alemão, investigar suas características e ter, com isso, facilitado seu acesso às fontes primárias.

Por fim, se lembrarmos que as aulas de Saussure serviram de base à Lingüística Moderna e guardando as devidas proporções, somos de opinião de que a obra de Helmut Birkhan ora resenhada se inscreve dentro daquelas que podem se constituir entre nós como excelentes aulas acadêmicas com a demonstração por parte daquele de sua competência na tradição de pesquisa com textos medievais em língua alemã, conferindo à Medievalística Germanística e à Filologia Germânica o velho **motto** latino